

academia

marcos chaves

galeria

nara roesler



marcos chaves

academia neville wakefield

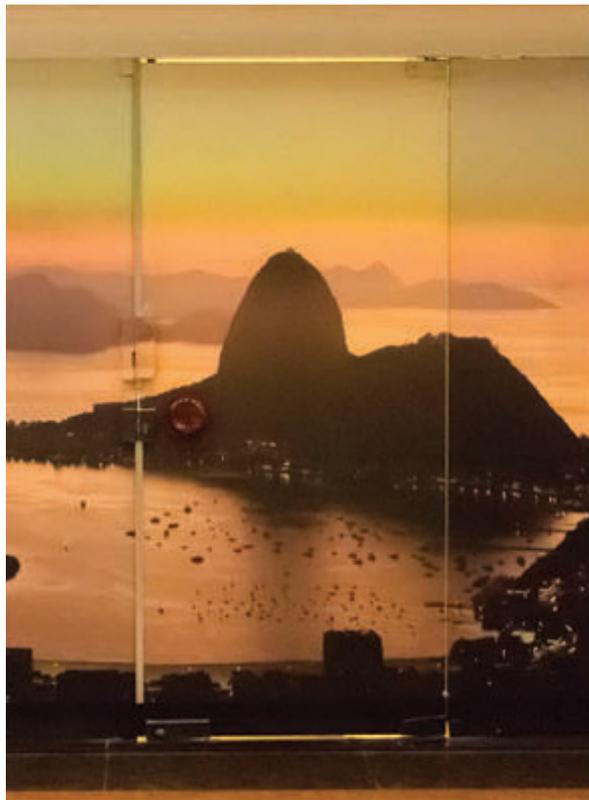
A cultura do corpo é uma cultura única. Na Europa, ela vem envolta em trajes e mistificações. Aqui, o corpo é o centro macio que espreita sob a carapaça dura das aparências, o primo envergonhado de uma alma existencial. Em linguagem bíblica, era a palavra tornada carne. Porém, nos climas mais frios do Hemisfério Norte, era a palavra que sempre vinha em primeiro lugar. O intelecto e a abstração da linguagem são os pais do instrumento desordeiro que é seu veículo. Em outras palavras, a cabeça comanda o coração.

Ao menos quando visto de fora, o Brasil é constituído da maneira oposta. Aquilo que é nossa cultura é, para vocês, um culto. No Brasil, o corpo está envolto não em roupas, mas no calor do momento, eternamente banhado pelo sol melífluo. Ele é governado não pela cabeça, mas por áreas mais distantes da retidão cerebral. O clichê do corpo, que em outros lugares vai do corpo do trabalho para o corpo

político, é aqui simplesmente o corpo lindo, o templo de um estilo de vida saudável no qual ele próprio é o local da intervenção criativa. Talvez mais do que em qualquer outro lugar, no Rio e no imaginário a ele associado.

No Rio, a praia é a mescla do social e o natural, da conversa e da carne, da areia e do lúdico. Despido de tudo exceto a menor das modéstias, ela tornou-se um espaço unicamente democratizado onde hierarquias são postas de lado qual roupas indesejadas. Aqui, as pessoas vestem o corpo. Ao invés de algo a ser revelado somente na intimidade e na privacidade, ele é a manifestação pública do eu e faz tanto parte da natureza quanto o Pão de Açúcar, os Dois Irmãos ou a areia de Ipanema. E, assim como a praia, o corpo em si se tornou um ponto turístico, um paradoxo ao mesmo tempo construído e real. A fotografia captura essa ambivalência. Como memórias selecionadas, nossas





sem título, da série/untitled, from the series **sugar loafer**, 2014 -- impressão inkjet sobre papel rag baryta hahnemühle 315 matt/inkjet print on hahnemühle paper rag baryta 315 matt -- 100 x 75 cm (cada/each)

sem título, da série/untitled, from the series **sugar loafer**, 2014 -- impressão inkjet sobre papel rag baryta hahnemühle 315 matt/inkjet print on hahnemühle paper rag baryta 315 matt -- dimensões variáveis/variable dimensions

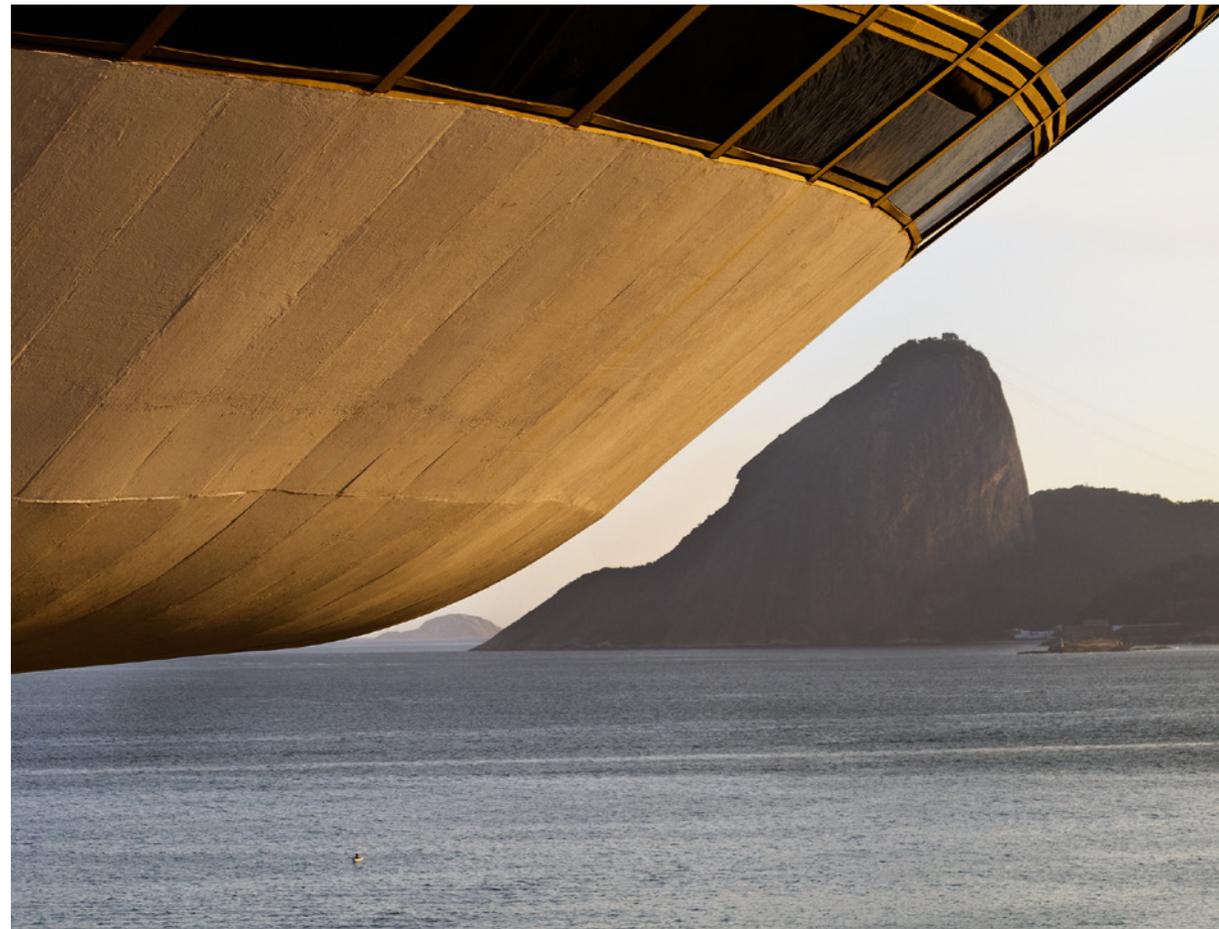


instalação/installation -- **academia**, 2014 -- galeria nara roesler, rio de janeiro

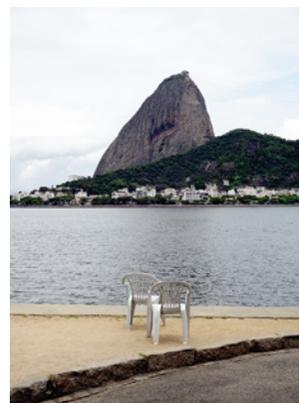
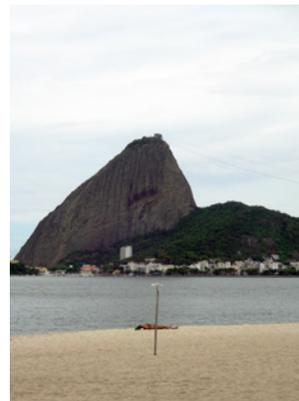
fotografias são cartões postais dessa democracia, de paisagens que podem ser vistas, mas não tidas, de corpos que podem ser olhados, mas não tocados, das coisas que desejamos e que não são nossas.

Marcos Chaves compreende isso melhor do que a maioria. Seu olhar é o do *flâneur* e as imagens que ele cria alternam-se com facilidade entre clichê e entendimento. Diante do icônico pano de fundo de uma paisagem reconhecida por todos, mas conhecida por poucos, ele encontra objetos que repartem significados e perfuram a realidade fabricada como as lanças metálicas que mantêm a divisão social extremamente real. O Pão de Açúcar é o pano de fundo para tudo isso. Ele preside as ordens natural e social da orla, uma inevitável presença lapidária que nos lembra da fugacidade cômica das atividades que os nossos corpos trazem ao seu litoral. Muito depois de a garça desinteressar-se do isolamento prateado, muito depois da última onda do dia ter sido surfada, de o gás da bomba do chuveiro ter sido desligado, ele continuará testemunhando as pequenas mudanças que marcam o pulso em constante mutação desta grande cidade.

Assim, o Pão de Açúcar guarda todas as coisas – tanto a complexa invasão da economia global quanto as simples liberdades da praia. Ele é ao mesmo tempo cena e cenário. É também o pano de fundo para outro trabalho de Chaves, no qual as palavras *Eu só vendo a vista* aparecem em negrito. O título é um trocadilho com o verbo ‘vendo’ – que pode significar ver ou vender – e expressa nossa ambivalência com relação à vista, uma vista que pertence aos cariocas e é vendida ao mundo. Agora, mais do que nunca, quando a cidade expira uma Copa do Mundo apenas para inspirar as Olimpíadas, o ar coletivo de criatividade, esporte e saúde – exatamente as coisas que são gratuitas para todos e tidas como certas – passa a trazer consigo a etiqueta de preço de um novo tipo de turismo. A ironia – que não escapa a Chaves ou à cultura por ele propalada – é que a própria cidade que celebra a liberdade do corpo acima de tudo seja anfitriã de seu interesse mais comercial.



sem título, da série/untitled, from the series **sugar loafer**, 2014 -- impressão inkjet sobre papel rag baryta hahnemühle 315 matt/inkjet print on hahnemühle paper rag baryta 315 matt -- 75 x 100 cm



Por exemplo, a percepção de que nosso corpo também está à venda. Podemos até não estar conscientes disso, pode até ser que Foucault não estivesse totalmente certo em afirmar que toda a indústria do exercício físico é simplesmente mais um exemplo de poder, identidade e conhecimento reunidos para nos regular e controlar enquanto almejamos autonomia. O que é certo é que os mecanismos que utilizamos para dar forma a nosso corpo são também um reflexo das culturas das quais eles derivam.

As requintadas academias *hi-tech*, que medem calorias e watts e calibram nossos gastos energéticos em telas de LCD com monitores de frequência cardíaca, estão muito distantes do ferro que manifesta sua impressão diretamente no volume e definição do corpo pré-industrializado, feito em casa. Nada poderia ser mais diferente das chamadas academias *Flintstone*, cujas soluções improvisadas com cimento, areia e barras de ferro tornam-se esculturas engenhosas nas quais o próprio material da praia contribui para os corpos que elas criam. Aqui, o trabalho repetitivo e solitário da esteira e dos aparelhos de resistência é transformado em pura performance e exibição social. Aqui, as multinacionais sem face das academias são substituídas pelo modelo cooperativo da comunidade local. Aqui, o aparelho de resistência talvez seja o próprio corpo.

E se tudo isso soa um pouco complicado e pesado, talvez seja porque as obras de Chaves em si são generosas e leves. A política que governa os corpos talvez envolva as academias informais, assim como contamina a luz da hora mágica. A *Academia*, título da exposição, refere-se em última instância ao fato de que as instituições mais respeitadas do Rio são escolas e academias. Talvez haja ironia no fato de que elas são de samba e ginástica, respectivamente. Contudo, a beleza de suas formas improvisadas nos permite lembrar, pelo menos por um momento, que longe do ruído das multidões que visitam o Maracanã e das brigas internas dos comitês olímpicos, algo muito mais elementar está acontecendo. É algo feito de areia, pedra e cimento e que está disponível a todos.



(detalhe/detail) instalação/installation -- **academia**, 2014 -- galeria nara roesler, rio de janeiro



sem título, da série/untitled, from the series **sugar loafer**, 2014 -- impressão inkjet sobre papel rag baryta hahnemühle 315 matt/inkjet print on hahnemühle paper rag baryta 315 matt -- 75 x 100 cm



sem título, da série/untitled, from the series **sugar loafer**, 2014 -- impressão inkjet sobre papel rag baryta hahnemühle 315 matt/inkjet print on hahnemühle paper rag baryta 315 matt -- 75 x 100 cm

academia

neville wakefield

The culture of the body is a culture of its own. In Europe, it is one that comes wrapped in clothes and mystifications. Here, the body is the soft center that lurks beneath the hard carapace of appearances, the embarrassed cousin of a restless existential soul. In biblical language it was the word made flesh. But in the colder climes of the Northern hemisphere, it was always the word that came first. Intellect and the abstraction of language are the fathers of the messy instrument that is its vessel. In other words the head rules the heart.

From the outside at least, the vision of Brazil is made in reverse. What is our culture is your cult. In Brazil the body is wrapped not in clothes but in the heat of the moment, eternally bathed in mellifluous sunshine. It is ruled not by the head, but by regions more distanced from cerebral rectitude. The cliché of the body which elsewhere runs from the body of work to the body politic is here simply the beautiful body, the temple of an outdoor lifestyle to which it is itself the site of creative intervention. Nowhere more so perhaps, than in Rio and the social imaginary attached to it.

In Rio, the beach is the intermingling of the social and the natural, of conversation and flesh, sand and play. Stripped of everything but the barest modesty, it has become a uniquely democratized space where social hierarchies are cast aside like unwanted clothes. Here people wear their bodies. Rather than being something to be revealed only in intimacy and privacy, they are the public manifestation of the self, as much a part of nature as Sugarloaf, the Two Brothers or the sand of Ipanema.

And like the beach, the body itself has become a site of tourism, a paradox that is equally constructed and real. Photography captures this ambivalence. Like selected memories, our photographs are postcards of this democracy, of views that can be seen but not owned, of bodies that can be looked at but not touched, of the things we desire that are not ours.

More than most Marcos Chaves understands this. His gaze is that of the *flaneur*, and the images he creates glance easily between cliché and understanding. Against the iconic backdrop of a landscape recognized by all yet known by few, he finds objects that split meanings and perforate the fabricated reality like the metal spikes that maintain the very real social divide. The Sugarloaf is backdrop to all of this. It presides over the natural and social orders of the waterfront, an inevitable lapidary presence that reminds us perhaps of the comic evanescence of the endeavors our own bodies bring to its shores. Long after the egret has lost interest in the silver insulation, long after the last wave of the day has been ridden, long after the gas of the shower pump has been turned off, these will remain witness to the little changes that mark the ever changing pulse of this great city.

In this way, the Sugarloaf stands sentinel to all things – as much to the complex invasion of global economy as to the simple freedoms of the beach. It is both scene and scenery. It is the backdrop for another work by Chaves on which the words, *Eu só vendo a vista*, appears in bold type. The title is a pun on the verb 'vendo' – in Portuguese it means both to see and to sell –

and expresses our ambivalence about the view, a view that both belongs to the 'Cariocas' and is sold to the world. Now more than ever as the city exhales a World Cup only to inhale the Olympics the shared air of creativity, sport, and healthy living, the very things that are free to all and taken for granted, carry the price tag of a new type of tourism. The irony – not lost on Chaves or the culture he champions – is that the very city that above all celebrates the freedom of the body is host to its most commercial interest.

Like the view, our bodies are also for sale. We may not always be aware of it, nor may it be completely the case as Foucault would have it that the entire fitness industry is simply another example of power, identity and knowledge combining to regulate and control us even while we speak of achieving autonomy. But what can be certain is that the mechanisms we use to shape our bodies are also a reflection of the cultures from which they derive.

The sleek hi-tech gyms that measure calories and watts and calibrate our expenditure on LCD panels with heart rate monitors are a far cry from the iron that directly manifests its impression in the pump and rip of the pre-industrialized home-built body. Nothing could be further from the so called 'Flintstone' gyms whose makeshift arrangements – cement, sand, iron pipe – become ingenious sculptures in which the very material of the beach contributes to the bodies of its making. Here the solitary repetitious work of the treadmill and resistance machine is rendered pure performance and social exhibition. Here the faceless multi-nationals of members clubs are exchanged for the cooperative model of local community. Here perhaps, the resistance machine is the body itself.

And if all of this sounds a little complicated and heavy it is perhaps because the works of Chaves are themselves generous and light. The politics of governing bodies may encircle the informal gyms just as it bleeds into the magic light hour. The *Academia* (Gym), the show's title, refers after all to the fact that Rio's most respected institutions are schools and gyms. That they are of samba and the gym respectively may be ironic. But the beauty of their improvised forms allows us to remember, at least for the moment, that away from the roar of visiting crowds at Maracana and the infighting of Olympic committees, something far more elemental is taking place. Made of sand, stone and cement it is there for everyone.



(detalhe/detail) instalação/installation -- **academia**, 2014 -- galeria nara roesler, rio de janeiro



(capa/cover) -- sem titulo, da série/untitled, from the series
sugar loafer, 2014 -- impressão inkjet sobre papel rag
 baryta hahnemühle 315 matt/inkjet print on hahnemühle
 paper rag baryta 315 matt -- 90 x 120 cm

texto/text
neville wakefield

galeria nara roesler
rio de janeiro

fotos/photos
marcos chaves

rua redentor 241
 ipanema 22241-030

tradução/portuguese version
gabriel blum

abertura/opening
 07.08.2014
 19 > 22h

revisão/proofreading
márcia macêdo

exposição/exhibition
 08.08 > 07.09.2014

realização/produced by
galeria nara roesler

seg/mon > sex/fri 10 > 19h
 sáb/sat 11 > 15h

